TL279-1

ENTREVISTA A XANANA GUSMÃO

Nota: As perguntas foram inicialmente por mão, em 12 de Outubro do ano passado.

O "emissário" falhou a entrega. Aproveitámos então a nova oportunidade, em princípios de Maio.

Recordo que em 30 de Abril já a AR tinha aceite as condições essenciais para a visita a Timor (os chamados "termos de referências").

Em nota manuscrita que juntou à cassete vídeo, Xanana diz que a gravação foi feita nos dias 2 e 3 de Junho.

O PÚBLICO soube em meados de Julho que a cassete já tinha saído de Timor, mas só chegou às nossas mãos segunda-feira passada, dia 2.

PERGUNTAS DIRIGIDAS PELO JORNAL PÚBLICO

AO LÍDER DO CNRM, COMANDANTE XANANA GUSMÃO

1. Que condições mínimas entende devem ser garantidas para que os deputados portugueses possam trazer uma visão completa do que se passa em Timor-Leste? Que locais devem eles visitar, e com que personalidades devem avistar-se?

2. Vai encontrar-se com a delegação? Que pretende dizer-lhe?

3. Se tal não for possivel, por razões logísticas ou outras, considera mesmo assim que há condições para que os deputados cumpram a sua missão?

4. Se não se realizar a visita, que iniciativa entende dever ser tomada no quadro das negociações entre Portugal e a Indonésia, a decorrerem actualmente sob os auspícios do Secretário-Geral da ONU?

E se a visita se efectivar: que passos devem ser dados posteriormente?

5. Que balanço faz das negociações que decorrem entre Portugal e a Indonésia sob os auspícios do SG Perez de Cuellar? Devem os timorenses ser chamados a participar nelas? Quando? Quem os deve representar?

6. Que acções acha que Portugal devia ter desenvolvido e não desenvolveu até agora, em favor do povo timorense?

8. Passados dois anos sobre a visita do Papa a Timor, como aprecia a atitude de João Paulo II?

9. Quais as relações, neste momento, entre a Resistência e a Igreja timorense? Que apreciação faz das últimas posições do bispo de Dili, monsenhor Ximenes Belo?

10. Abandonou a Fretilin em Dezembro de 1988. Posteriormente, terá pedido o reingresso. Quais as suas relações neste momento com este partido? E os restantes comandantes da guerrilha: pertencem ou não à Fretilin? Existe algum comandante ou quadro da Resistência filiado ou representando outros partidos de Timor?

11. Qual o papel desempenhado actualmente pelos estudantes na resistência anti-indonésia? A resistência civil é apartidária ou as suas acções subordinam-se à direcção da luta armada?

12. Em que zonas do território actua neste momento a guerrilha? Quantos são os combatentes de armas na mão?

13. Depois das conversações de Março de 1983, voltou a haver contactos com as autoridades, militares ou civis, indonésias? Quando? Onde? Com que resultados?

14. Acredita numa solução para os próximos anos? Qual a que, do seu ponto de vista, irá prevalecer: a diplomática (através da ONU), a política (mudança de regime na Indonésia) ou a militar?

15. Como é o seu dia a dia? Dorme em casas ou no mato? De que se alimentam os guerrilheiros? O que bebem?

16. Sente-se um homem constantemente acossado, ou tem momentos de distensão? O que faz nessas alturas?

16. De que é que tem mais saudades, no que respeita ao dia a dia de um homem livre? Passear? Ir ao cinema? Almoçar num restaurante?

16. Alguma vez desesperou da luta? Em que momento(s)?

17. Sabe o que se passa no mundo através de que fontes? Que estações de rádio ouve? Chega-lhe algum jornal? Qual? Lê livros? Quais?

16. Como definiria ideologicamente a guerrilha? Que tipo de organização social e política defende para Timor-Leste?

17. O Comando da Resistência aceitaria, obtida a autodeterminação, submeter-se a eleições em igualdade de condições com outras formações políticas existentes ou a surgirem entretanto?

18. Em meios políticos e governamentais portugueses bem como nas chancelarias ocidentais, prevalece a ideia de que é dificil, se não impossivel, Timor-Leste alcançar a autodeterminação e independência. O mediador da ONU para o caso de Timor, Raffeudin Ahmed, acha por seu lado, segundo afirmações que lhe foram atribuidas por uma deputada japonesa, que a tendência na Ásia, hoje, é "para a unificação das áreas que anteriormente foram uma só, divididas posteriormente por conquista colonial". Exemplos dados: Macau, Hong-Kong, e Malásia.

Aceitaria uma solução baseada no reconhecimento pela Indonésia, avalizado pelas Nações Unidas, de um estatuto de autonomia especial que, garantindo o respeito pelos Direitos Humanos e preservando a cultura, a religião e a identidade timorense, dotasse o território de orgãos de Governo próprios, no quadro da República da Indonésia?

Adelino Gomes

Lisboa, 30 Abril 1991)